

ENTREVISTA/Jussara Gruber

Conexão INDÍGENA

Os índios brasileiros são temas, personagens, fontes e autores de uma série de trabalhos. A gráfica Burti está lançando um calendário com desenhos dos índios Ticuna. A compositora Marlui Miranda se destaca pela pesquisa e o diálogo com a música indígena. Um filme do professor e cineasta goiano Luiz Eduardo Jorge recupera a obra de Jesco von Pukamer, que dedicou sua vida à documentação da cultura indígena brasileira. A cultura indígena é o assunto desta **Quarta Temática**.

“**E**xiste uma visão romântica de que os índios têm que continuar fazendo sempre as mesmas coisas. Eu acho que não, se temos uma coisa boa como a arte a oferecer”. A opinião da educadora Jussara Gruber, que trabalha entre os Ticuna desde 1977, reforça a idéia de que a cultura é dinâmica e de que arte tem que ser parte da educação. Foi através de um livro produzido por ela, *O Livro das Árvores*, que a Gráfica Burti tomou conhecimento do trabalho de artes desenvolvido com os Ticuna e propôs o trabalho aos índios.

O *Livro das Árvores*, que trabalha a questão do meio ambiente, foi premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil. O Ministério da Educação incluiu esse livro na coleção da Biblioteca do Professor, levando-o para 36 mil escolas. Invertendo o caminho usual das informações, permitiu que nós tivéssemos acesso a informação deles, e não mais somente o contrário. Para adquirir o livro e o Calendário 2000, ligar para 4682620, em Brasília.

Jussara, com formação universitária em artes plásticas, coordena o Curso de Formação de Professores Ticuna, parte do Projeto Educação Ticuna, que prepara material didático para cerca de sete mil alunos de 90 escolas e organiza um currículo específico para a escola Ticuna. O Projeto começou em 93 e está formando 220 professores índios, que terminam o 2º grau no próximo ano, em cinco municípios da região do alto Rio Solimões, na Amazônia.

A pedagogia desenvolvida inclui o conhecimento ticuna (a língua, a cultura, a história, a natureza, a arte) e o conhecimento universal: um grande leque de informações pluriculturais. Através dessa nova forma de educação, o saber tradicional é valorizado, os velhos contam histórias e ajudam a produzir os livros didáticos. A saúde e o meio ambiente recebem atenção especial, como as artes e a cultura. Com essa educação pluricultural os índios expandem os confins da aldeia. Jussara Gruber conversa com o **Civilização** sobre o projeto.

Fale um pouco dos Ticuna.

• São um povo de 30 mil pessoas, com suas terras demarcadas, que fala a língua ticuna. Fazem agricultura, se auto-sustentam e o excedente eles vendem: farinha, melancia, abacaxi, por exemplo. Eles têm cerca de 200 anos de contato com os brancos, contato que se intensificou durante o período da borracha, no final do século passado, quando eles foram utilizados como mão-de-obra. Depois retomaram as atividades agrícolas.

Como funciona o Projeto Educação Ticuna?

• A maioria das escolas tem professores índios, menos as de 5ª à 8ª série. Esse trabalho de formação está sendo feito justamente para que eles possam assumir suas escolas, fazer concurso público, entrar na rede, enfim. Antes, a escola de índio era uma escola igual à de branco. A partir da década de 80, algumas ONGs se movimentaram para mudar isso, criando uma nova política de educação.



Desenho de J. Gaspar



Desenho de João do Carmo

Como foi desenvolvido o trabalho nas oficinas de arte?

• Dentro do curso de formação dos professores nós trabalhamos a arte. Com o tempo, alguns se salientaram e com eles eu organizei um grupo menor, de 20, e trabalhei em oficinas. Quando a Gráfica Burti soube desse trabalho, através do *Livro das Árvores*, fizemos três oficinas para trabalhar no calendário, durante 15 dias. Essa é uma experiência pioneira no Brasil. Os índios americanos e os esquimós, por exemplo, já trabalham com novos materiais, produzem esculturas, gravuras, desenhos. Na Austrália e no Canadá também, os índios vêm produzindo uma arte relacionada à própria cultura mas com inovações: ou novos materiais ou novas temáticas. Acho que essas populações indígenas, assim

como os negros na música, poderão marcar as artes visuais. Eles têm um potencial que pode aparecer através dessas novas técnicas e novos materiais, e não necessariamente pela cestaria, pelo trançado, as máscaras e a plumária. É preciso desmistificar essa idéia de que eles tem que ficar ilhados, que eles tem que pintar com tintas do mato.

Olhando para os quadros, parece que houve uma educação visual, é verdade?

• É, logicamente eu direcionei o aperfeiçoamento deles, houve um avanço na técnica. A gente discutiu a cor, o domínio de novos materiais como guache e aquarela. Eles têm acesso a livros, eu mesma já dei aula de história da arte para eles. Mas essas pintu-

ras são uma coisa muito espontânea, vêm de uma observação acurada da natureza, conhecimento, vontade de contar, registrar os mitos, as histórias dos seres sobre-naturais que habitam a floresta, as árvores. Tem a cobra grande, o dono do buritizal, a terra sagrada onde eles foram criados. Como eles mesmos falaram outro dia, é uma forma de deixar registrado o lugar onde eles vivem, o conhecimento da natureza e as histórias mitológicas. Eles sentiram que através da arte, da pintura, podem falar desse mundo. É um trabalho muito livre.

Qual método e material didático você usa para ensinar história da arte?

• Começamos com a arte rupestre, vamos para o Egito, Grécia, Roma através dos livros e de projeção de slides. Vemos também a arte de outros povos nativos da África, Indonésia, Esquimós, povos do Peru. É importante para eles se situarem no contexto universal da arte. O objetivo é fazê-los sentir parte. Ter acesso à informação

Em alguns quadros eles usam uma técnica que lembra o pontilhismo. Você ensinou?

• Não, é uma tendência, eu tentei orientar e reforçar cada um no seu estilo, na sua maneira de fazer. Eles trazem um conhecimento muito profundo da natureza e fazem tudo com muitos detalhes. Na pintura dos peixes, não são peixes genéricos: tem o pirarucu, o tambaqui - é uma representação do universo que eles convivem. Eles

são professores, trabalham para sustentar a família. Desenharam quando se reúnem, não têm essa categoria de artistas. Só fazem quando tem oportunidade. Essa pintura dos peixes, o autor levou quinze dias para fazer, quando tinha oportunidade trabalhava até oito horas - porque tinha prazer em fazer aquilo. A pintura faz parte da cultura deles, eles tradicionalmente pintavam as máscaras, com tintas naturais, mas que são de pouca duração. Em contato com materiais novos, puderam desenvolver outros modos de fazer.

Você acha que a experiência de educação com os Ticuna pode ser exemplo para outros povos indígenas?

• Acho que sim. Eles vêm demonstrando uma mobilização muito específica, em relação às terras, à educação e à saúde. Tem uma vontade de preservação, de defesa, de continuidade dentro do próprio grupo. Agora, cada povo tem uma forma de vida, suas características, é difícil dizer que esse exemplo vale para os outros também. Mas se essas iniciativas não forem valorizadas, divulgadas, se não aparecerem fora de lá também, a tendência é ir perdendo a qualidade. Espaços como esse do Calendário estão surgindo agora. Antes, o que eles faziam era considerada um arte secundária. Essas iniciativas ajudam a dar maior visibilidade a esse potencial que eles têm.